

O MAPEAMENTO DO CORPO COMO UM DOS PROCEDIMENTOS DE INICIAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

VALESKA NOGUEIRA DE LIMA¹
PAULO SÉRGIO CUNHA FARIAS²

RESUMO: Cada vez menos, as pessoas conseguem se locomover em uma cidade ou bairro desconhecido com o auxílio de um mapa. Essa dificuldade, apresentada por grande parte das pessoas, é decorrente da ausência ou escassez do trabalho com a Cartografia na Educação Básica. Assim, é necessário refletirmos acerca da necessidade da Cartografia no espaço escolar, contribuindo para que as crianças e jovens, desde a Educação Infantil, sejam capazes de pensar o espaço em que estão inseridos, para nele se organizar. Este artigo tem como objetivo problematizar a importância do ensino cartográfico na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, apresentando uma reflexão sobre a iniciação cartográfica das crianças na Educação Infantil a partir de um trabalho de mapeamento do corpo. Para isso, utiliza como referenciais teóricos trabalhos de Almeida (2001 e 2007), Almeida e Passini (1989), Castrogiovanni (2000), Lacoste (1997), Perez (2001), entre outros. Espera-se, com este trabalho, contribuir com a instauração de uma pedagogia que trabalhe a Cartografia para o desenvolvimento da habilidade de apreensão e de representação do espaço pela criança.

Palavras-chave: Educação Infantil. Espaço. Iniciação cartográfica. Mapeamento do corpo.

THE BODY MAPPING AS AN ACTIVITY OF CHILD CARTOGRAPHIC INITIATION IN THE CHILDISH EDUCATION: REFLECTIONS ABOUT AN EXPERIENCE

ABSTRACT: Less and less people can move around in an unfamiliar town or neighborhood by using a map as a guide. This difficulty, present in most people, is a result of the lack or shortage of the cartography work in the Basic Education. Therefore, it is necessary that we think about the needs of the Cartography at the school environment, in order to make children able to understand the place in which they are in, for them to be organized on it. The objective of this paper is to analyze the importance of the cartographic teaching in the Childish Education and in the first years of the Elementary School by presenting a reflection about the children's cartographic initiation in the childish Education starting from a work of mapping the body. As a theoretical support, we have used Almeida (2001 and 2007), Almeida and Passini (1989), Castrogiovanni (2000), Lacoste (1997), Perez (2001), and others. With this work we want to contribute to the implementation of a pedagogy that works with Cartography for the development of the ability acquisition, and for the representation of the environment by the child.

Keywords: Childish Education. Space. Cartographic initiation. Body mapping.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: valeskanlima@yahoo.com.br

² Mestre e doutor em Geografia pelo PPGeo/UFPE, e professor do curso de Pedagogia no Campus I da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: pscfarias@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos, o saber ler, escrever e contar foi privilégio das classes dominantes da sociedade, assim como o conhecimento do espaço geográfico e de sua representação. Portanto, o conhecimento geográfico, incluindo as técnicas de representação do espaço, permaneceu durante muito tempo nas mãos da minoria que exercia poderes sobre a massa da população, já que com esse conhecimento era possível se apropriar do espaço e dele usufruir em benefício próprio.

Com as transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas na sociedade, ao longo dos anos, tornou-se indispensável que a população, além de saber ler e escrever, saiba pensar o espaço. Para Lacoste (1997, p. 54),

Hoje os fenômenos relacionais adquiriram tal intensidade, os efetivos em deslocamento sobre certos eixos atingiram tal amplitude, que o estado de miopia coletiva em relação aos fenômenos espaciais começa a colocar problemas graves, se bem que tal miopia não deixe de ter suas vantagens para aqueles que detêm o poder.

No entanto, ainda nos dias de hoje, encontramos pessoas que não conseguem se locomover em uma cidade ou bairro desconhecido com o auxílio de um mapa, ou que não conseguem refletir e atuar sobre o espaço em que estão inseridas.

Como forma de tentar sanar essa dificuldade foram criados aparelhos sofisticados, como satélites e GPS (*Global Positioning System* – Sistema Global de Posicionamento), que fornecem a localização dos lugares com alta precisão. Mas vale ressaltar que o acesso ao uso desses equipamentos ainda é bastante seletivo, uma vez que é disponível apenas para a camada alta da sociedade.

Daí percebermos a necessidade de alfabetizar para o mapa. Este, como um bem cultural bastante difundido nas sociedades, é de fácil acesso a todos e permite a leitura, a compreensão e a representação dos espaços vividos, percebidos e concebidos, podendo auxiliar a apreensão e a ação dos sujeitos sobre espaços dos quais não guardam registro na memória. Parafraseando Lacoste (op. cit.), a criança vai para a escola para aprender a ler, escrever e contar e por que não para aprender a ler e compreender um mapa? A compreensão do mundo é condição para a ação consciente do sujeito sobre ele. Nesse sentido, para que a criança compreenda o

mundo, ela precisa antes de tudo ser capaz de compreender o espaço e as técnicas usadas para representá-lo, notadamente os mapas. Amparando-nos em Perez (2001, p. 107), podemos afirmar que

Ler o mundo é ler o espaço. Ler o mundo é apreender a linguagem do mundo, traduzindo-o e representando-o: a percepção do espaço e sua representação é um processo de múltiplas operações mentais que se desenvolve a partir da compreensão simbólica do mundo e das relações espaciais topológicas locais.

A dificuldade em compreender o mapa apresentada por grande parte das pessoas é decorrente da ausência ou escassez de um trabalho contínuo e profícuo com a Cartografia na Educação Básica. Assim, é imprescindível refletirmos acerca da necessidade e da importância do ensino do mapa no espaço escolar para que, desde a Educação Infantil, as crianças se apropriem dos seus códigos e, com isso, sejam capazes de pensar e representar o espaço em que estão inseridas ou os mais distantes de sua realidade.

Partindo dessas premissas, este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância do ensino cartográfico na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo em vista que é (ou deveria ser) uma das funções da escola preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade, bem como as linguagens representativas do espaço geográfico. Para isso, abordamos a iniciação cartográfica da criança na Educação Infantil, a partir de um objeto de reflexão, uma experiência de mapeamento do corpo que vivenciamos em nosso estágio nesse nível de escolaridade, resultado da nossa experiência didática na monitoria das disciplinas *Geografia I e II na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental* e as reflexões teóricas sobre as técnicas de representação do espaço geográfico realizadas na disciplina *Tópico Especial em Cartografia*, no âmbito do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Campina Grande.

Visando a atingir os objetivos propostos neste artigo, inicialmente defendemos o ponto de vista segundo o qual a Cartografia deve estar presente na sala de aula para que possa contribuir na construção do raciocínio acerca do espaço geográfico, proporcionando à criança tornar-se uma verdadeira leitora da linguagem cartográfica. Assim, cabe ao professor ser consciente da importância do trabalho

com o mapa para melhor desenvolver nos alunos a aquisição de conceitos sobre o espaço e sua representação.

Posteriormente, devido à amplitude de enfoques possíveis no campo da aquisição do conceito de espaço e de sua representação, optamos por tecer uma reflexão sobre a iniciação cartográfica na Educação Infantil³. Nossa escolha por esta temática tem uma justificativa: consideramos que desde cedo a criança deve ser conduzida à reflexão sobre o espaço, já que nessa fase ocorrerão aprendizagens fundamentais à construção dos conceitos que se darão nas fases subsequentes, ou seja, nos anos iniciais de Ensino Fundamental e nos outros níveis de ensino da Educação Básica.

Muitas são as propostas para se trabalhar a Cartografia na Educação Infantil, porém, apresentaremos aqui o desenvolvimento da atividade de mapeamento do corpo como ponto fundamental para a iniciação cartográfica da criança. A atividade que demonstraremos é fruto de uma experiência desenvolvida com crianças de dois anos de idade numa escola de Educação Infantil e nos conduzirá a uma reflexão acerca da prática pedagógica pautada na aquisição de conceitos fundamentais para a compreensão do espaço.

Por fim, esperamos que este trabalho contribua para a instauração de uma pedagogia que trabalhe a Cartografia para o desenvolvimento da habilidade de apreensão e representação do espaço pela criança.

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA CARTOGRAFIA NA SALA DE AULA

Se nos reportarmos à prática pedagógica do ensino da Cartografia, iremos perceber que quando o mapa está presente, na sala de aula, é visto como algo para decorá-la (enfeitá-la) ou para ser decorado (memorizado) pelos alunos. Parafraseando Castrogiovanni (1999, p. 35), na escola, a ação, para que o aluno

³ Este nível de ensino atende a crianças de zero a cinco anos de idade e é ofertado em escolas e creches.

possa entender a linguagem cartográfica⁴, se resume em colorir mapas ou copiar os seus contornos, mas essas atividades são mecanicistas e não favorecem a formação de conceitos necessários à compreensão dessa linguagem, sendo que o essencial é que o aluno desenvolva ações que o leve a “construir representações a partir do real próximo ou distante.

Somente acompanhando e executando cada passo do processo, pode-se [o aluno] familiarizar-se com a linguagem cartográfica” (op. cit., p. 35). O domínio dessa linguagem é essencial para que sua formação como cidadão seja completa, pois o indivíduo que pensa o espaço deve dispor de instrumentos para atuar de forma consciente sobre o mesmo. Além disso, o mapa pode se tornar um instrumento de poder para quem sabe interpretá-lo, pois a compreensão do espaço possibilita atuar sobre o mesmo de forma intencional.

A Geografia ainda é vista como uma disciplina que não possui sentido e aplicação prática fora do contexto escolar, por isso, vemos pessoas que não conseguem se orientar usando um mapa. Como não há aplicação prática da Geografia estamos a todo instante, mesmo que inconscientemente, pensando sobre como atuar no espaço em que estamos inseridos, justamente porque entendemos que, quando esse pensar se torna consciente, adquiriremos capacidade para atuar e transformar a sociedade em que vivemos.

Diante disso, Perez (2001, p. 108) afirma que

O ensino de Geografia nas séries iniciais deve ter como fundamento a alfabetização da criança na leitura do mundo por meio da leitura do espaço: fazer Geografia é dialogar com o mundo, possibilitando à criança ampliar os significados construídos (pelo uso de novas e diferentes linguagens), transformando sua observação em discurso (é dizendo o mundo que significamos o mundo), de modo que possa compreender o conjunto de movimentos que dá sentido ao mundo.

O ensino cartográfico deve ajudar a criança a construir um raciocínio que lhe permita pensar sobre o espaço. Ler o mundo significa ler o espaço e essa leitura começa com a apropriação da linguagem do mapa. Conforme Almeida (2001, p. 17),

⁴ Entende-se por linguagem cartográfica a expressão de fatos e fenômenos da organização do espaço através do uso de escala, projeções e convenções cartográficas.

“o indivíduo que não consegue utilizar um mapa está impedido de pensar o território, sobre aspectos do território que não estejam registrados em sua memória. Está limitado apenas aos registros de imagens do espaço vivido.”

Cada vez mais podemos constatar, a partir de relatos de professores, que os alunos chegam ao final do Ensino Fundamental sem o conhecimento das noções espaciais, embora essa seja uma habilidade que permite a leitura e a compreensão do mundo. Assim, podemos afirmar que grande parte dos alunos não adquire a alfabetização espacial. Esta alfabetização pode ser definida como “a construção de noções básicas de localização, organização, representação e compreensão da estrutura do espaço elaborada dinamicamente pelas sociedades” (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 11).

A articulação entre alfabetização e Geografia é imprescindível para refletir acerca da natureza, do homem e da sociedade. Assim, essa articulação resgata o objeto da Geografia - o espaço -, ou seja, a indissociabilidade entre a ação humana e os objetos, constituindo a sociedade. Nesse sentido, a alfabetização deve ser vista como a relação da criança com o mundo, dentro do qual ela se compreende como ser que atua diretamente para a constituição da vida social (PEREZ, op. cit.).

A criança precisa aprender desde cedo a fazer a leitura do todo espacial, ou seja, do espaço nas suas multidimensões. Neste sentido, percebe-se a extrema necessidade de trabalhar a cartografia desde o início da escolarização, tendo em vista que o domínio do todo social dá-se de forma gradativa, estando presente em cada ano da escolarização, e deve contribuir para que a criança reflita acerca da localização dos elementos no espaço.

Durante os cursos de formação de professores, a preparação destes para o domínio de conceitos espaciais ainda é bastante precária. Por isso, o professor, ao iniciar seu trabalho em sala de aula, não demonstra estar apto a fazer com que seus alunos sejam capazes de compreender o espaço e as formas de representá-lo, pois nem ele mesmo adquiriu esse domínio conceitual. Assim, acontece, frequentemente, que os professores reproduzem a Geografia ensinada por seus mestres, que geralmente é pautada numa abordagem tradicional e mecanicista, já que este é o único “modelo” que possuem, e dessa forma não contribuem para que seus alunos

compreendam o espaço geográfico e nem se apropriem das formas de representá-lo.

No entanto, preparar o aluno para realizar a leitura do espaço deve ser tão importante como ensinar a ler, escrever e contar. Sobre isso, Almeida e Passini (1989, p. 27) afirmam que “cabe, pois, ao professor introduzir essa linguagem e através do trabalho pedagógico, levar o aluno à penetração cada vez mais profunda na estruturação e extensão do espaço a nível de sua concepção e representação.”

A representação do espaço é uma ação interiorizada. Conforme Almeida (2001, p. 71), a evolução da representação ocorre da seguinte forma:

Primeiro estabelece-se a atividade sensório-motriz elementar; depois surge a ação ligada à imaginação, a qual só é possível após ter sido realizada materialmente; depois, a coordenação das ações exteriores amplia-se, o que repercute também em uma coordenação interna (articulação progressiva das intuições); mais tarde, formam-se as operações concretas que resultam dessa articulação.

A construção do pensamento da criança dá-se pela ação. Inicialmente, o espaço é para ela quase incompreensível e sua conquista ocorre de forma gradativa, à medida que sua percepção espacial avança qualitativamente. Por isso é relevante que a criança aja sobre o espaço para compreendê-lo.

Existe uma evolução pela qual a criança passa para compreender a noção de espaço. Primeiro, ela percebe o espaço vivido, ou seja, o espaço que vivencia por meio do movimento e do deslocamento. Em seguida, ela apreende o espaço percebido. Neste, já não precisa experimentar o espaço fisicamente. Por fim, a criança começa a compreender o espaço concebido, isto é, torna-se capaz de pensar sobre uma área retratada em um mapa, mesmo que não a conheça.

Quando a criança compreende o espaço, pode-se dizer que teve início para ela o estudo da Geografia, daí a importância do professor propor atividades que auxiliem no desenvolvimento das noções espaciais.

No entanto, a escola trabalha com a representação do espaço de modo abstrato e como um conhecimento pronto e acabado. Por isso, faz-se necessário que o aluno construa o conceito de mapa, para o que é fundamental o domínio das relações espaciais topológicas, projetivas e euclidianas.

Para Castrogiovanni (2000, p. 17), as relações espaciais topológicas “são limitadas às propriedades inerentes a um objeto particular, sem que intervenha a necessidade de situar este objeto em relação a um outro.” As relações espaciais topológicas caracterizam o espaço perceptivo e podem ser de vizinhança, separação, ordem ou sucessão, envolvimento ou fechamento e continuidade.

Já as relações espaciais projetivas são definidas em relação ao ponto de vista do observador. Assim, inserem-se os conceitos de direita/esquerda, frente/atrás, ao lado e em cima/em baixo (CASTROGIOVANNI, op. cit.).

As relações euclidianas são representadas pelas noções de distância, em que a partir de um sistema fixo de referência é possível situar os objetos no espaço (CASTROGIOVANNI, op. cit.).

Para que haja o desenvolvimento do domínio dessas relações espaciais pelo educando, é necessário considerar que “os procedimentos usados no ensino podem ou não favorecer o desenvolvimento do pensamento, a construção de conceitos e a aquisição de habilidades.” (ALMEIDA, 2001, p. 67).

Assim, podemos perceber a importância da presença do ensino da Cartografia e de atividades que contribuam para a formação do pensamento infantil e para a apreensão do espaço geográfico pela criança. Desse modo, na próxima seção, refletiremos acerca da importância da iniciação cartográfica na Educação Infantil.

A INICIAÇÃO CARTOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

É fundamental compreender que a Educação Infantil tem seus objetivos próprios, que não devem ser confundidos com os objetivos do Ensino Fundamental. Ela tem como finalidade proporcionar às crianças atividades que as preparem para enfrentar, da melhor maneira possível, as aprendizagens subsequentes, pois é nessa fase que começam a se desenvolver as bases que darão segurança e solidez ao pensamento científico, através do uso de uma linguagem rica em conceitos de tempo e de espaço, movimento e forma. Dessa forma, quando funciona como um ambiente propício ao desenvolvimento das crianças, a Educação Infantil é um meio ativo, dinâmico e estimulador da atividade mental delas.

Para o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 48),

As diferentes aprendizagens se dão por meio de sucessivas organizações do conhecimento, e este processo é protagonizado pelas crianças quando podem vivenciar experiências que lhes forneçam conteúdos apresentados de forma não simplificada e associados a práticas sociais reais.

Assim, ao ingressar na Educação Infantil, a criança deve apropriar-se do espaço por meio das vivências estabelecidas. Andar, correr, pular, saltar, escorregar, subir, descer, empurrar, puxar, deitar, sentar, cair, dançar..., tudo isso é fundamental para o seu desenvolvimento. A vida nas instituições de Educação Infantil é marcada pelo movimento; movimentar-se, para as crianças, é comunicar-se, expressar-se, interagir com o mundo, é uma forma de linguagem, é explorar e conhecer o mundo e o próprio corpo, seus limites e possibilidades.

É preciso, pois, pensar o espaço da Educação Infantil como um ambiente rico em possibilidades que combatam a lógica do uniforme, dando oportunidade de expressão corporal infantil e adulta, transformando-se em lugar para as crianças se movimentarem e deixarem o corpo expressar seus sentimentos e emoções.

Desde o nascimento até os dois anos de idade, o espaço é entendido pela criança como o espaço vivido, da ação, construído, a partir do contato com ele, pelo caminhar, engatinhar, pelas relações de proximidade e distância.

Sendo assim, o esquema corporal, ou seja, a consciência do corpo, que se dá a partir da comunicação consigo mesmo, é a base cognitiva sobre a qual se delinea a exploração de espaço. Inicialmente, a criança utiliza seu corpo como um meio para orientar-se no espaço, por isso, a partir do corpo devem ser determinados os referenciais de localização. Almeida (2001, p. 37) afirma que “o corpo tem lados e partes (...) com funções diferentes e que atuam sobre o meio permitindo um certo domínio espacial pela ação e pelo movimento.”

Porém, grande parte das escolas não permite que as crianças se movimentem. Os alunos são “engessados” numa cadeira durante toda a aula. Dessa forma, as crianças não se tornam capazes de se apropriar do espaço por meio do seu corpo. Essa postura desconsidera que o sistema sensório-motor exerce uma grande importância na organização psicológica do espaço e que é sobre o esquema

corporal que se delinea a exploração do espaço pela criança. É preciso considerar que a consciência do próprio corpo e de seus movimentos se desenvolve de maneira lenta, tendo início desde o nascimento e perdurando toda a infância até a adolescência. Nesse sentido, a escola tem o dever de possibilitar que o aluno desenvolva essa consciência.

Levando isso em conta, na Educação Infantil, o trabalho com a Cartografia deve se iniciar com atividades que trabalhem com o corpo das crianças. Tais atividades lhes possibilitarão, futuramente, passar do espaço perceptivo para o espaço intelectual.

Para que a criança seja iniciada na Cartografia, é necessário que tenha passado por experiências que possibilitem a construção de noções espaciais. De acordo com Kozel e Filizola (1996, p. 38),

O primeiro referencial espacial da criança a ser considerado é o seu corpo. É com o corpo que ela experimenta e vivencia o espaço e nele localiza os objetos. Posteriormente, ela consegue transferir para outros objetos as posições ligadas à lateralidade (esquerda/direita), ampliando as possibilidades de trabalhos futuros com referenciais de orientação estabelecidos a partir do movimento de rotação da terra, [permitindo, assim, iniciar-se] o ensino das direções cardeais.

Destarte, a iniciação cartográfica da criança na Educação Infantil deve começar com atividades que envolvam o esquema corporal. Nessa perspectiva, o mapeamento do próprio corpo se reveste de grande importância, pois é com ele que se inicia a sua passagem do espaço perceptivo para o espaço intelectual. Nesse sentido, nosso propósito na seção seguinte é apresentar uma atividade de mapeamento do corpo cujo objetivo foi realizar a iniciação cartográfica de crianças da Educação Infantil da UEI /UFCG durante o nosso estágio nesse espaço educacional.

MAPEAMENTO DO CORPO: INICIAÇÃO CARTOGRÁFICA DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

É fundamental que desde a Educação Infantil, a criança seja estimulada a mapear seu próprio corpo para a aprendizagem de noções espaciais. Segundo

Almeida (2007, p. 47), “através de um trabalho com o esquema corporal, explorando as noções de lateralidade e proporcionalidade através do mapa do próprio corpo, a criança constrói a ligação concreto x representação e se prepara para a utilização dessas noções em outras representações.”

A finalidade do mapa do corpo é fazer com que, por meio da projeção de seu corpo no plano, o aluno obtenha uma representação de si mesmo em tamanho real e com a identificação de seus lados. Além disso, é com esta atividade que tem início a passagem do espaço perceptivo para o espaço intelectual.

Almeida (2001, p. 40) afirma que “atividades de ensino que envolvem relações entre corpo e espaço são necessárias em todas as idades.” Desde a Educação Infantil, é imprescindível trabalhar a Cartografia a partir do esquema corporal, pois é com base neste esquema que os alunos estabelecem outros sistemas de referência. Em outras palavras, o trabalho de ensino/aprendizagem sobre a representação e a localização se inicia no espaço próximo da criança e, dele, parte para o distante. Assim, ela utiliza inicialmente seu corpo como referencial para a construção de conceitos espaciais.

Existem inúmeras atividades que contribuem para o início da alfabetização cartográfica da criança. Entre elas insere-se a atividade de *mapeamento do corpo*.

Essa atividade já foi apresentada por outros autores, tais como Rosângela Doin de Almeida e Elza Yasuko Passini, no livro *Espaço geográfico: ensino e representação*. No entanto, neste artigo o enfoque que daremos à atividade de mapeamento do corpo é diferente, pois não se trata apenas de uma sugestão de atividade, e sim, da descrição de uma experiência realizada com crianças da Educação Infantil.

Por meio da ação de mapear o corpo, a criança é iniciada metodologicamente no aprendizado posterior de mapas, já que está mapeando um espaço que lhe é conhecido para, depois, tornar-se mapeadora. Nesta atividade, a criança estará fazendo uso de símbolos na elaboração da legenda, ou seja, estará fazendo uso de materiais, ações e métodos que se assemelham aos utilizados para a elaboração do mapa pelo cartógrafo.

A construção do pensamento da criança se dá, sobretudo, pela ação, daí a importância de mapear o corpo como passo inicial para o aprendizado de mapas.

Para Almeida e Passini (1989, p. 23), “antes de ser leitora de mapas, ela [criança] deverá agir como mapeadora do seu espaço conhecido”. Nesse caso, a criança começa mapeando o próprio corpo para compreender e representar o espaço.

Considerando essas premissas teóricas, em 2009, durante o estágio desenvolvido na Unidade de Educação Infantil (UEI) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), realizamos a atividade de mapear o corpo com crianças de dois anos de idade.

Para a realização da atividade, utilizamos os seguintes materiais: folha de papel madeira, caneta hidrocor e lápis colorido.

Com vistas a introduzir a atividade, foi realizado o *momento da rodinha*, no qual cantamos músicas e conversamos sobre as atividades que seriam realizadas no dia (ver figura 1).

Figura 1



Crianças no *Momento da rodinha*

Dentre as músicas escolhidas, cantamos a intitulada *Jacaré* (domínio popular). Ao cantá-la, as crianças faziam gestos para acompanhar o que diz sua letra. A cada vez que se repete a cantiga, muda-se a parte do corpo que o *jacaré vai comer* e as crianças apontavam no seu corpo a parte que estava sendo cantada. Vejamos a letra da música:

Jacaré

Eu conheço um jacaré

Que gosta de comer

Esconda seu nariz

*Senão o jacaré
Come seu nariz e o dedão do pé
Come seu nariz e o dedão do pé.*

*Eu conheço um jacaré
Que gosta de comer
Esconda sua boca
Senão o jacaré
Come sua boca e o dedão do pé
Come sua boca e o dedão do pé.*

.....

(A cada vez se fala uma parte do corpo a ser comida pelo jacaré)

Após o momento da música, foi explicado às crianças que iríamos fazer o mapa do corpo. Nossa intenção era despertar nelas o autoconhecimento dos seus corpos e contribuir para a sua iniciação cartográfica. Tal atividade é essencial para o trabalho com a lateralidade, condição para a descentralização na localização dos objetos no espaço, usando referenciais fora do seu corpo, para a orientação corporal através dos pontos cardeais, para a transposição do esquema de orientação corporal para a rosa-dos-ventos e desta para os mapas, em etapas posteriores de apropriação e representação do espaço pela criança e adolescente, em outros níveis de ensino.

Foi escolhida uma criança para deitar sobre a folha de papel, enquanto uma das professoras riscava seu contorno (ver figuras 2 e 3). A atividade de mapeamento do corpo ficou centrada na elaboração de um único cartaz com a participação de todas as crianças.

Em seguida, as crianças foram questionadas sobre o que estava faltando no mapa para que o desenho se tornasse parecido com o corpo de uma pessoa. Após alguns momentos de observação, elas começaram a notar a ausência do olho, da boca etc. Depois, solicitamos que cada uma preenchesse o contorno com os detalhes que estavam faltando. Nessa ocasião, foram feitos questionamentos tais como: quantos olhos temos?; onde eles ficam?; e o nariz?; temos quantas bocas?; o

que temos sobre nossa cabeça?; o que temos nos dedos?; e o umbigo? (ver figuras 4 e 5).

Figura 2



Figura 3



Criança deitada sobre o papel para o desenho do contorno do corpo

Figura 4



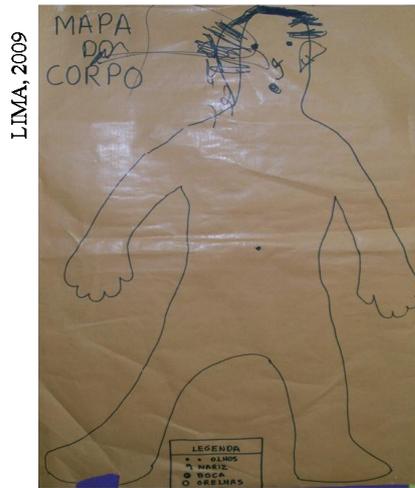
Figura 5



Crianças desenhando os detalhes para completar o mapa do corpo

Ao término da atividade, o cartaz confeccionado foi apresentado às crianças para que elas observassem se realmente o mapa do corpo estava completo. Nesse momento, elas observaram novamente e perceberam que o desenho já continha os elementos do corpo humano (ver figura 6).

Figura 6



Mapa do corpo

Em seguida, foram trabalhadas as noções de frente/atrás, esquerda/direita e em cima/em baixo, sempre tomando como ponto de partida o próprio corpo de cada criança e o mapa confeccionado na aula, por meio de brincadeiras que envolvem os conceitos citados, já que para as crianças da Educação Infantil a localização dos objetos no espaço é definida a partir do seu próprio referencial, ou seja, do seu próprio corpo. Para Almeida e Passini (1989, p. 27),

Para ela [criança] os objetos e o espaço que eles ocupam são indissociáveis. A posição de cada objeto é dada em função do todo no qual ele se insere. E a criança percebe esse todo e não cada parte distintamente. Por esse motivo, para crianças pequenas (até aproximadamente 6 anos), a localização e o deslocamento de elementos são definidos a partir de referenciais dela, quer dizer, de sua própria posição.

O mapa do corpo ficou exposto no mural da sala e sempre que trabalhávamos com o corpo ou com a lateralidade, explorávamos o mapa confeccionado pelas próprias crianças.

Com essa atividade percebemos que, ao mapear o corpo, as crianças tiveram um salto qualitativo em relação ao trabalho com as partes do corpo e com a lateralidade. Além disso, observamos que a proposta muito auxiliou o trabalho do

autoconhecimento corporal pelos infantes em iniciação escolar na Unidade de Educação Infantil da Universidade Federal de Campina Grande.

Para Almeida e Passini (1989, p. 30), “a análise do espaço [bem como a sua representação], deve[m] ser iniciada[s] com a criança primeiramente com o corpo, em seguida apenas com os olhos e finalmente com a mente.” Por fim, o trabalho com o mapa do corpo possibilita que a criança seja inserida no processo de iniciação cartográfica, pois ela estará mapeando algo que lhe é conhecido e próximo (relações espaciais topológicas). Essa orientação com o mapa do corpo contribui para a compreensão posterior dos pontos cardeais, para a elaboração das noções de distância (relações euclidianas) e destas para o entendimento do mapa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mapas foram criados para representar os fenômenos físicos, biológicos e humanos dos territórios. Portanto, sua compreensão possibilita a realização da leitura espacial do todo social. O trabalho com a Cartografia é relevante para desenvolver o domínio cognitivo e a representação do espaço pela criança, por isso ele deve ser desenvolvido desde a Educação Infantil, já que o domínio do todo social dá-se de forma gradativa, contribuindo para que a criança reflita acerca da localização dos elementos no espaço. Além disso, a iniciação cartográfica permite que as crianças se apropriem dos códigos do mapa e, com isso, sejam capazes de pensar e representar o espaço em que estão inseridas ou os que são mais distantes de sua realidade.

A orientação corporal na Educação Infantil constitui o primeiro passo para a iniciação cartográfica da criança, pois com base no corpo é possível partir para os meios de representação ou de orientação do/no espaço, como os pontos cardeais, a rosa-dos-ventos e os mapas.

Assim, é fundamental que o professor introduza a linguagem cartográfica em seu trabalho pedagógico para preparar a criança para a compreensão e representação do espaço geográfico, ou seja, a manifestação espacial do todo social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Do desenho ao mapa**: iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2001.

_____; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico**: ensino e representação. São Paulo: Contexto, 1989.

BRASIL. MEC. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. O misterioso mundo que os mapas escondem. In: _____. *et al* (orgs.). **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. 2. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/AGB - Seção Porto Alegre, 1999.

_____. *et al* (orgs.). **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000

KOZEL, Salete; FILIZOLA, Roberto. **Didática de Geografia**: memórias da terra – o espaço vivido. São Paulo: FTD, 1996.

LACOSTE, Yves. A geografia escolar que ignora toda prática teve, de início, a tarefa de mostrar a pátria. In _____. **A geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas, Papirus, 1997. p. 53-58.

PEREZ, Carmem Lúcia Vidal. Leituras de mundo/leituras de espaço: um diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos. In GARCIA, Regina Leite (org.). **Novos olhares sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-121.

* Recebido em abril de 2011.

* Aprovado em maio de 2011.